

CRISE ORGANICA, NEOLIBERALISMO E BARBÁRIE

ORGANIC CRISIS, NEOLIBERALISM AND BARBARIES

CRISIS ORGÁNICA, NEOLIBERALISMO Y BARBARIE

Marcos Del Roio¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apenas sugerir alguns elementos para reflexão e discussão sobre o que acontece no nosso tempo. O texto segue a ideia de que o nosso tempo se caracteriza, grosso modo, pela crise estrutural ou crise orgânica do capital e que essa crise tem sido conduzida pelo invólucro ideológico do neoliberalismo, que expressa os interesses do capital em crise na sua ofensiva contra os trabalhadores. A tendência é o agravamento das contradições existentes no movimento do capital, com implicações dramáticas para o ambiente natural e a própria sobrevivência da humanidade, com o ingresso no tempo da barbárie. Essa reflexão se alimenta principalmente dos escritos de Gramsci e Vico.

PALAVRAS-CHAVE: Crise Orgânica. Neoliberalismo. Crise Ambiental. Barbárie.

ABSTRACT

The objective of this paper is to suggest some points for reflection and discussion on what happens in our times. The main idea is that, concisely, our time has been characterized by a structural or organic crisis of capital and this crisis has been moved by the ideology of Neoliberalism. On its turn, Neoliberalism expresses the interests of capital in crisis in its offensive against the workers. The trend we may see is the escalation of the already existent contradictions embedded in the movement of capital, with dramatic implications for the natural environment and even to the humankind survival. This has been led us to a barbarism time. This reflection is mostly based on Gramsci and Vico's contributions.

KEYWORDS: Organic Crisis. Neoliberalism. Environmental Crisis. Barbarism.

RESUMEN

El propósito de este artículo es solo sugerir algunos elementos para la reflexión y discusión sobre lo que sucede en nuestro tiempo. El texto sigue la idea de que nuestro tiempo se caracteriza, más o menos, por la crisis estructural o la crisis orgánica del capital y que esta crisis ha sido impulsada por la envoltura ideológica del neoliberalismo, que expresa los intereses del capital en crisis en su ofensiva contra el trabajadores. La tendencia es empeorar las contradicciones existentes en el movimiento de capital, con implicaciones dramáticas para el medio ambiente natural y la supervivencia misma de la humanidad, con la entrada en el tiempo de la barbarie. Esta reflexión se alimenta principalmente de los escritos de Gramsci y Vico.

PALABRAS CLAVE: Crisis orgánica Neoliberalismo Crisis ambiental. Barbarie.

CRISE ORGÂNICA E IDEOLOGIA NEOLIBERAL

O ano de 2020 já é um marco na história humana, o seu começo e o seu fim serão muito diferentes. É um marco por conta da pandemia que assola o planeta humano, mas mais ainda por conta de um profundo agravamento da crise estrutural do capital (Meszaros, 2005). Se Mészáros esteve correto em suas análises, compartilhado com algumas nuances importantes por Chesnais (1997) e Harvey (1984; 2005), o capitalismo, e o próprio capital em geral, adentrou a uma fase histórica de crise estrutural desde a década de 70 do século passado. A crise é estrutural quando não há possibilidade de superação dentro dos seus próprios contornos e o resultado pode ser a passagem para uma nova estrutura, um novo bloco histórico (Gramsci, 1975) ou a desintegração e regressão sociocultural: algo como socialismo ou barbárie.

A crise estrutural não é uma fase histórica de duração previsível. A crise estrutural do mundo antigo euro-mediterrâneo só pode ser dita como superada no século IX. A crise estrutural que se abateu sobre a Europa feudal, no século XIV, foi superada com mudanças profundas, como a formação de Estados centralizados, as reformas religiosas e a grande expansão do capital mercantil, mas não transpôs de vez o mundo feudal. De fato, o feudalismo sobreviveu por séculos ainda, mas em seus entornos e em seus interstícios se desenvolveram os elementos que o levariam à lenta (quase) extinção.

Se for mesmo verdade que desde meados dos anos 70 do século passado o capitalismo e o próprio capital ingressaram em período de crise estrutural, algumas características devem ser identificadas. A bibliografia, já bastante vasta, indica o enorme e rápido avanço científico, a permanente inovação tecnológica em vários setores, ou seja, um imenso desenvolvimento das forças produtivas, o que não parece próprio de uma crise estrutural. Acontece, porém, que esse desenvolvimento está endereçado para combater a tendência ao declínio da taxa de acumulação o capital, para o que não basta mais trabalho vivo incorporado às máquinas (computadores ou robôs que sejam). Uma das características das fases de crise orgânica é a multiplicação do fenômeno da guerra e no caso contemporâneo, exatamente pelo alto padrão tecnológico, traz uma capacidade destrutiva inaudita e que pode afetar a sobrevivência da espécie humana.

O capital deve se reproduzir também por si mesmo, ao modo de capital fictício ou especulativo, manejado pela oligarquia financeira transnacional. Daí a necessidade de um mercado mundial aberto, sem barreiras alfandegárias ou políticas de proteção. As redes de informação são um instrumento importante para essa ação de mundialização do capital que se completa e se confunde com a crise estrutural.

A reformatação do proletariado foi uma ação vitoriosa do capital na medida em que desorganizou a classe ao mudar o seu perfil, em particular por meio da utilização de

novas tecnologias para impor novas relações e novas formas de administrar o processo de trabalho, como mostra a bem sucedida experiência do toyotismo. A mudança do perfil da classe gerou uma grande diferenciação e estratificação entre os trabalhadores, rompendo assim muitos dos laços sociais de solidariedade e da ideologia do trabalho.

Com isso, os principais institutos sociais criados pelo movimento operário, como são o sindicato e o partido, se enfraqueceram notavelmente. O resultado foi que as defesas da classe operária foram rompidas e os direitos sociais e do trabalho conquistadas na fase anterior começaram a serem retirados, sempre em nome do resgate da produtividade, da iniciativa privada, do mercado livre. Acontece que todas essas medidas não foram capazes de reverter o declínio tendencial da taxa de acumulação.

De fato, a ofensiva econômico-política do capital contra os trabalhadores e contra a autonomia dos povos teve no neoliberalismo o seu invólucro ideológico. De fato, o neoliberalismo foi capaz de difundir uma visão de mundo muito de acordo com o capital em crise, a qual, antes de tudo, buscou encenar o retorno à liberdade liberal dos começos do bloco histórico burguês. Mas a verdade é que se trata de uma ideologia que ao exacerbar o individualismo e difundir o fetiche da tecnologia fragmenta a classe do trabalho e maximiza a exploração. A difusão da lógica empresarial e o fetiche da tecnologia são instrumentos poderosos. (Dardot & Laval, 2016).

A crise do capital com o seu invólucro neoliberal trouxe consigo outros fenômenos correlatos cuja implicação maior tem sido o esvaziamento da democracia liberal burguesa e uma nítida regressão cultural. A onda conservadora de longo prazo teve início também em fins dos anos 70 e logo se espalhou pelo núcleo imperialista (Grã-Bretanha, EUA, Japão, Alemanha ocidental). Junto com o neoliberalismo conservador espalhou-se também religiosidades francamente conservadoras ou mesmo reacionárias (no judaísmo, no cristianismo católico e protestante, islamismo sunita e hinduísmo).

(Muito se tem falado também de certo renascimento do populismo, em referencia a lideranças políticas que invocam a povo atropelando as instituições vigentes. Creio ser categoria de pouco valor explicativo, considerando-se que populismo pode ser tudo que não se enquadre no paradigma liberal).

AS CONTRADIÇÕES DA ÉPOCA DE CRISE ORGÂNICA

Há um debate sobre como caracterizar essa fase histórica por meio de categorias teóricas formuladas por Gramsci, claro que tendo em vista outras realidades concretas. No Convegno Gramsciano de Cagliari / Ghilarza (2007), por exemplo, houve quem defendesse a ideia de uma revolução passiva global (Pasquale Voza), uma contrarreforma (Carlos Nelson Coutinho), uma crise orgânica (eu mesmo).

A ideia de uma revolução passiva se baseia na leitura de que um grande desenvolvimento das forças produtivas convive com a restauração do poder político do

capital. A hipótese da contrarreforma parece estar mais centrada na questão da retirada dos direitos sociais e na contração da democracia. A última sugestão se aproxima da formulação de Mészáros e enfatiza a leitura global da crise, a desestruturação paulatina da ordem regida pelo capital, por conta do fracasso no empenho de se resgatar as taxas de acumulação, pela acentuação da contradição capitalista fundamental (capital x trabalho) em meio à inovação tecnológica, pela guerra contínua e pela explosão da contradição entre ambiente natural e humanidade predadora,. Claro que essa é a tendência geral que se evolve em modo desigual e combinado, dentro da qual há Países e grupos de Países com as suas particularidades.

Como hipótese de trabalho pode-se então aventar que essa época de crise orgânica viveu até agora três momentos. O momento de implantação do neoliberalismo conservador no núcleo imperialista (sem deixar de lembrar a experiência piloto do Chile), de fins dos anos 70 ao fim dos anos 80, com a desintegração do socialismo de Estado na Europa oriental e URSS. Uma segunda fase de consolidação no núcleo imperialista, que vai até 2008, período que também assistiu a ascensão da China e também apareceram espaços de resistência na América Latina. A terceira fase tem início com a gravíssima crise fiscal de 2008, que atingiu com força os grandes bancos e se desdobrou, a partir de 2011, em renovada ofensiva imperialista contra os trabalhadores e os povos.

Essa segunda década de novo século aprofundou e radicalizou a ideologia neoconservadora e neoliberal das classes dirigentes de uma parte muito grande do mundo. As pouquíssimas exceções são Países que persistem no projeto socialista ou apenas que desenvolvem um capitalismo de Estado (que pode ser de características diversas e também de diferentes ideologias).

Uma tentativa (mais uma) do imperialismo para enfrentar o agravamento da crise foi a de se apossar de recursos naturais e de posições geopolíticas estratégicas que bloqueassem a ascensão da China e impedissem a consolidação do eixo asiático com a Rússia (e o Irã). Essa tentativa teve no Oriente Médio (estendido) o seu epicentro, com guerras de destruição de Estados (Líbia, Síria, Iêmen) e golpes de Estado (Ucrânia). Houve também uma série de golpes de Estado sem visível ruptura institucional, em particular na América Latina (Honduras, Paraguai, Equador, Bolívia, Brasil).

O deslocamento de populações da África e Oriente Médio para a Europa se ampliou dramaticamente, assim como a migração de povos centro-americanos para os Estados Unidos (para citar apenas os principais fluxos). Num momento inicial o fluxo migratório é útil ao capitalismo europeu e americano, pois essa força de trabalho chega sem direitos assegurados e servem como “exército industrial de reserva”, ou seja, servem como braços para os setores mais precarizados entre as ocupações laborais possíveis. As portas abertas para o capital imperialista na periferia recriam condições de trabalho que resgatam a servidão e mesmo a escravidão dos trabalhadores. (Dusster, 2006)

Mas na medida em que a desocupação estrutural avança com a inovação tecnológica e a estratificação social entre os trabalhadores, a perda de direitos tende a se generalizar e as categorias se fecham em seus nichos, resultando maior fragmentação da classe e mesmo difusão do racismo. O Estado aparece cada vez mais como máquina repressiva e disciplinadora, pois com a permanente crise fiscal não é mais possível prestar serviços sociais generalizados (ou quase) e de qualidade. A crise do regime liberal-democrático (ou democracia burguesa) é inevitável, crise essa que é expressão da crise da hegemonia burguesa.

Coloca-se aqui uma questão de maior importância que é identificar se o neoliberalismo é um invólucro ideológico que configura ou redefine a hegemonia burguesa e em caso afirmativo é preciso saber se é possível uma hegemonia sólida no decorrer de uma crise orgânica (uma crise societal). Seria possível que o Estado de exceção permanente seja expressão de uma ainda situação de hegemonia burguesa. A resposta a esse dilema é importante até porque traz implicações na prática política dos sujeitos antagônicos à ordem do capital.

A resistência crescente dos trabalhadores a retirada de direitos é outra face dessa crise. Essa situação se completa na ampla zona periférica do império do capital, na qual os direitos sociais são mais restritos ou quase inexistentes. A retirada de direitos e a recessão econômica gera uma catástrofe social crescente: piora em todos os sentidos -- na assistência social, na saúde, educação, previdência.

O neoliberalismo gerou também formas de resistência não antagônicas em alguns Países, em particular da América Latina, como os casos da Venezuela e Bolívia, além de outras formas ainda mais tênues, como Brasil, Uruguai, Argentina. Devem também ser considerados os movimentos populares, que deram grande visibilidade às reivindicações dos povos autóctones e das mulheres.

Da crise de 2008, não se chegou a haver recuperação, a não ser a China. Houve um pequeno alívio nos EUA e na Alemanha, mas os demais países do núcleo imperialista continuaram à beira da estagnação. Essa também foi a situação dos Países periféricos mais importantes. De 2018 em diante os sinais de agravamento da crise capitalista vem se fazendo mais e mais fortes, com implicações, desta vez, inclusive sobre a China. O conflito comercial e diplomático entre EUA e China agravou a tendência à retração do comércio internacional. Os EUA alimentam a esperança de trazer de volta para casa as empresas transnacionalizadas e a China tende a fazer um grande investimento interno a fim de elevar as condições de vida no campo e desafogar as grandes cidades. Forças centrífugas colocam em risco sério a própria sobrevivência da União Europeia. Trata-se de forças reacionárias na maioria que assumem governos na antiga área socialista da Europa e que crescem bastante a Ocidente, inclusive entre as camadas subalternas.

A ofensiva imperialista desde 2011, portanto, não conseguiu contribuir para a contenção da crise estrutural, mas potencializou a crise da democracia burguesa -- com a

constitutiva crise de representatividade dos partidos políticos -- e a difusão de poderes cesaristas de caráter regressivo em todos os esquadros do planeta. A sugestão de Gramsci é que o cesarismo regressivo é um possível produto de uma hegemonia débil ou de uma crise de hegemonia. O cesarismo moderno não se origina dos conflitos internos da classe dirigente, mas do conflito radical entre capital e trabalho. Gramsci enuncia que o cesarismo não surge necessariamente de um equilíbrio catastrófico, mas

tem ‘sempre’ possibilidades marginais de ulterior desenvolvimento e sistematização organizativa e especialmente pode contar sobre a debilidade relativa da força progressiva antagônica, pela sua natureza e pelo seu modo de vida peculiar, debilidade que ocorre manter: por isso se diz que o cesarismo moderno, mais que militar é policialesco (Gramsci, Q. 13, § 27, p.1622, 1975).

O cesarismo -- lembra Gramsci ainda -- pode existir sem abolir o sistema de partidos e os institutos liberais e é isso que mostra muitas das tendências cesaristas existentes e ainda alavancadas pela situação de pandemia.

CRISE ORGÂNICA, PANDEMIA E BARBÁRIE

O aguçamento da crise do capital, ao modo de crise financeira, estava a se mostrar em fins de 2019. As soluções intentadas por meio da radicalização da política econômica ditada pelo neoliberalismo, simplesmente estimulavam a estúpida concentração da riqueza e a pauperização massiva. A reação das massas trabalhadoras ameaçadas ou desamparadas começava a espocar em diversas e diferentes regiões do globo: Índia, Turquia, Iraque, Chile, Argentina, Colômbia, França. De modos diferentes e com motivações ideológicas diferentes, todavia raramente no sentido anti-imperialista e anticapitalista, as massas se juntaram em grandes números. Evidente que junto com o cesarismo regressivo, outra característica da época é a confusão e a diversidade ideológica. Não há uma filosofia, uma ideologia capaz de orientar as massas para a saída da crise do capital em direção a um bloco histórico que implique a emancipação da humanidade dos pesados grilhões nos quais está detida: a pobreza, a ignorância, a doença, a opressão de vária face, o racismo, tudo que a ideologia neoliberal que hoje sustenta o capital potencializa.

A consciência das massas populares do mundo é por suposto bastante diferenciada, mas a maioria deve estar ao nível do senso comum espontâneo, uma parcela encontra-se no nível econômico corporativo antigo ou mais moderno (onde se inclui as lutas identitárias) e uma fração muito pequena e heterogênea encontra-se no nível da política revolucionária. O crescimento da consciência revolucionária pode também ser potencializada pelo agravamento da crise ambiental / sanitária / econômica / política. A

negação da ordem do capital é a condição mesma para que haja uma saída civilizatória para a crise orgânica e do novo barbarismo vigente.

Descontado então que vivemos um tempo de crise estrutural ou de crise orgânica do capital e isso implica uma crise de hegemonia, que tem no surgimento do poder cesarista regressivo uma de suas expressões, temos que interrogar que contradições a crise potencializa e para onde pode se endereçar. Só assim poderemos tentar responder a difícil questão sobre o que fazer.

A crise orgânica do capitalismo (e do capital) e a crise da hegemonia burguesa tem potencializado uma crise ambiental de grandes proporções. A destruição gerada pela captação e uso de fontes de energia fóssil, o acúmulo de descartes não recicláveis, a poluição nas cidades e a devastação de florestas agravam e complementam a mudança climática em processo por conta do natural movimento do planeta. A mudança climática que está se processando exigirá por si só alteração de monta na forma de produzir a riqueza social por conta da necessidade de se alterar as fontes de energia. Exigirá também deslocamento de populações, novas formas de moradia, de utilização da água e da terra agriculturável. Essa questão emerge com força no debate ideológico, assim como também a rebelião das mulheres se mostrava cada vez com mais força e potencialidade.

Seja relacionada diretamente com a crise ambiental ou de criação laboratorial, em fins de 2019, eclode na China a mais grave pandemia dos últimos cem anos. Esse é mais um traço importante da fase histórica destrutiva em que se encontra a humanidade, que seria chamada de barbárie por Vico. A pandemia da covid 19 comprova as enormes insuficiências sanitárias existentes na maioria dos Países, agravadas pela privatização das condições de prevenção e preservação da saúde. A pobreza somada à debilidade da assistência sanitária potencializa enormemente a pandemia.

A crise financeira que mostrava já a sua feia face também tende a ser explosiva. A diminuição da produção de bens é último elemento a se evidenciar na crise devastadora do capital. Com a pandemia os meios de transporte foram muito afetados, em particular a aviação. Com a limitação ao deslocamento de pessoas, o turismo desaba, assim como toda a área de serviços, como hotelaria, bares e restaurantes. Inevitável se torna a intervenção do Estado para tentar criar uma equação entre restringir o número de mortes e evitar o coma na circulação de mercadorias. Mas enquanto isso, o grande capital não descansa, as fusões e as compra / venda de empresas continuam na direção da sempre maior concentração de riqueza socialmente produzida.

As massas populares percebem com maior clareza a importância dos serviços públicos e os governos não podem deixar de intervir mais ou menos, de uma ou outra maneira na economia e na sanidade. Alguma forma de planejamento tem que ser elaborada. São elementos que olham para o lado oposto do catecismo neoliberal.

A duração da pandemia e a ação dos governos para combatê-la, assim como a reação das massas populares podem indicar elementos para o que virá a seguir. Percebe-

se que na China, lugar onde a pandemia teve origem a ação das instituições sociais e políticas foi rápida e eficiente. Pode-se dizer o mesmo do Vietnã. Coreia do Sul e Japão, que também reagiram rapidamente. O que contou a favor foi a rapidez nas medidas de isolamento social e a presença de uma infraestrutura sanitária razoável e pública.

A pandemia já trouxe mudanças que podem ser duradouras, como a restrição na circulação de pessoas, nova ênfase nos contatos remotos, separação e isolamento dos trabalhadores, que, em maior número passarão a exercer as suas obrigações laborais em casa ou em pequenas instalações. As tecnologias adequadas serão criadas e implantadas. Mesmo a circulação de mercadorias por entrega, já em expansão, deverá também se acentuar. O resultado será uma ainda maior fragmentação e controle do trabalho, mas milhões de novas máquinas / mercadoria serão construídas e distribuídas no mercado.

A exacerbação das políticas de caráter neoliberal, com o aprofundamento do privatismo em relação à saúde e educação, mas também em relação à produção e armazenamento do conhecimento, da água, das fontes de energia só fará aumentar a massa de desvalidos e desocupados, ou apenas parcialmente com o tempo ocupado. A rebeldia intermitente dessas massas povoará os pesadelos dos poderosos, mas poderá contribuir também para o maior reforçamento do Estado policial e mesmo para a guerra.

A invasão da vida privada, da individualidade, também alcançará novo patamar com o isolamento social. Passa-se a acumular as ocupações próprias da vida privada com as ocupações próprias do trabalho social. Há uma profunda mudança na espacialidade social: público e privado dividem o mesmo território, a arquitetura da casa deverá mudar. Haverá assim uma drástica mudança na Educação: os contatos remotos, o ensino a distância, os robôs, tudo para desvalorizar a função e o trabalho do professor, que terá assim acentuada a sua situação de precariedade laboral. A regressão cultural deve também se acentuar.

A pandemia acentua e apressa a tendência predominante de gravíssima crise capitalista, crise financeira (dos bancos), crise fiscal do Estado, crise da indústria (que não encontra consumidores). Do ponto de vista do capital, a superação da crise passa por maior inovação tecnológica e maior subordinação do trabalho. Aqui a pergunta feita anteriormente sobre a possibilidade de reger a hegemonia burguesa com invólucro neoliberal, pode ser repostada. E a conclusão mais razoável é mesmo que na crise orgânica do capital a tendência é a desagregação do bloco histórico da burguesia e de sua hegemonia, do que se depreende que a sua ideologia predominante, o neoliberalismo, mostrou força para retardar a crise, mas não para reorganizar a hegemonia ao modo de uma civilização burguesa mais avançada e democrática. Pelo contrário, conduziu à crise a democracia burguesa e fez avançar o barbarismo (onde se inserem as ideologias ditas pós-modernas).

Isso que dizer que vivemos uma era de crise orgânica, de barbárie, ou seja, de desagregação de determinada forma societária, de relações de produção, de formas

políticas, de valores e da ideologia predominante. Na história da Europa, temos os exemplos das crises do século III e do século XIV, como momentos de crise de desagregação e temos a crise do século XVII como crise criativa, como barbárie criativa, que, a partir da Inglaterra, daria origem ao capitalismo e ao bloco histórico burguês. A crise atual é, por conseguinte, uma barbárie destrutiva, que aguarda a possível fase criativa.

DE UMA BARBÁRIE A OUTRA: UM NOVO BLOCO HISTÓRICO

Essa é uma reflexão claramente inspirada em Vico (1744), autor que se insere na tradição historicista italiana e que incidiu bastante na formulação de Gramsci, dois séculos depois. Para Vico a idade dos homens é orientada pela inteligência e pela razão, mas também pelo conflito social entre os homens que se creem nobres e os homens vistos como bestiais. No entanto, é a plebe que provoca as mudanças históricas. Quando a pressão da plebe é insuficiente para mudar o Estado, a idade dos homens ingressa na barbárie, pois reflexão (dos intelectuais da classe dominante), com a distorção do senso comum, perde a fantasia, perde a noção de trabalho produtivo feito em comum e se deprecia na luxúria, na voracidade, no engano. Seria esse o círculo mais baixo do inferno. (Vico, § 1106, p. 665, 2006).

De fato, a barbárie tecnológica desse começo de século pode muito bem se ver nessa visão de Vico, assim como pode se ver na sugestão de Gramsci da crise orgânica. São ambos os autores que contribuem para a compreensão do nosso tempo e para o rumo que devemos desenvolver a ação política.

Estamos então em profunda crise de hegemonia, que tende a procurar a saída em poderes cesaristas, no reforçamento do Estado policial. Difícil supor uma saída democrática para a crise de hegemonia que agora se aprofunda com a superposição de uma crise sanitária à crise ambiental e à crise econômica política que já se desenvolve faz mais tempo. Ainda que a correlação de forças seja muitíssimo desfavorável e uma ruptura democrática que coloque abaixo ou mesmo que limite muito o poder capitalista não esteja no horizonte próximo, pode se notar elementos de auto-organização e autoeducação das massas na conjuntura de pandemia e consequente agravamento da crise socioeconômica. A deficiência da assistência sanitária do Estado fica ainda mais visível, como visível fica o resultado das ações de privatização da saúde. Fica também mais visível a preocupação dos governos em preservar os ganhos de capital frente às vidas humanas sob forte ataque viral.

A reação popular ocorre na forma de greve, na formação de comandos de autodefesa em bairros e cidades, na ação solidária com os afetados pelo vírus ou pelo desemprego. Percebe-se a importância maior dos bens de uso e dos bens de uso comum. A noção da importância do planejamento social ganha fôlego e nota-se como os governos

– mais ou menos – se inquietam com os riscos a que estão submetidos os escorchantes ganhos do grande capital, enquanto o pequeno e médio comercio fenece.

Isso e muito mais acontece, porém numa situação na qual predomina a desagregação, na qual o declínio ideológico do capital é perceptível, mas ainda é largamente predominante. A articulação harmoniosa entre liberalismo econômico e liberalismo político que pareceu funcionar bem nos anos 80 e 90 do século que passou, agora fica claro que o liberalismo econômico levado ao extremo solicita um poder cesarista, que traz a lembrança dos fascismos também do século XX. Para não falar em eclosões ideológicas sem qualquer fundamentação científica e mesmo anticientífica, eclosões de ideologias religiosas francamente reacionárias, um caldeirão que contribui para a manutenção do poder de classe do capital.

Não só o comercio, mas também o vírus contribuiu para unificar a humanidade e tanto um quanto o outro permite que se perceba que a humanidade é muito desigual, pois nem todos são afetados do mesmo modo, nem todos podem enfrentar as atribulações e ameaças da mesma maneira, com a mesma força. Aos grupos dominantes não faltam recursos e reservas, não falta assistência medica, mas aos contingentes enormes que conformam os grupos sociais subalternos, pobreza a doença estão a menos de um passo. Enfim, esse é o cenário da barbárie, cada vez mais evidente para maior número de pessoas. Uma época que pode ser duradoura e até chegar a ameaçar a sobrevivência da espécie humana.

O Homo se diferenciou como gênero quando se transformou em predador de outras espécies e do ambiente natural. Foi sobre essa plataforma é que fez a sua história. Hoje, no entanto, a biosfera chegou ao limite e a humanidade está diante de um desafio inédito de enfrentar um salto de qualidade muito grande que é o de deixar de ser predador. No caso do homem, essa mutação, por suposto, é de caráter cultural. É preciso um momento de catarse, de tomada de consciência frente à tragédia em que a crise ambiental e a pandemia oferecem. A catarse implica a purificação do espírito diante do impacto da tragédia. Significa ultrapassar as certezas do passado e se preparar para um novo mito mobilizador, um conhecimento coletivo (general intellect) capaz de construir um novo mundo. Até que o avanço do conhecimento, coletivamente apropriado, dissolva o mito e se forme o novo bloco histórico orientado pela filosofia da práxis (a rigor uma não filosofia).

Para Gramsci esse mito criativo e inovador seria o Príncipe Moderno, “um elemento complexo da sociedade no qual já tenha tido início a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e afirmada parcialmente na ação” (Gramsci, Q. 13, §1, p. 1558). Esse elemento, para Gramsci é o processo no qual a massa trabalhadora se faz classe e se faz partido, no decorrer da luta de classe. No entanto, hoje, em plena crise orgânica do capital, em plena barbárie, esse elemento complexo é muito mais complexo

e a concretização de uma vontade coletiva, nacional, regional ou mundial existe apenas em células dispersas.

A exigência será de que a humanidade em processo de unificação seja gestor do planeta, no senso de repor o que retira, de fabricar os bens de uso necessários e nada mais. O planejamento será coisa indispensável para a conversão do processo produtivo. O poder público deve considerar a educação, saúde, transporte e energia limpa e renovável como essencial. Diminuir as grandes manchas urbanas e garantir que a produção agrícola considere e resguarde a biodiversidade, com ajuda de uma alimentação tendencialmente vegetariana e regionalmente adaptada. Enfim, que tenha início uma nova história.

REFERÊNCIAS

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: editora Xamã, 1996.

DARDOT, Pierra & Laval, Dardot. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.

DUSSTER, David. **Esclavos modernos: las victimas de la globalizacion**. Barcelona: Ediciones Urano, 2006.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderini del carcere**, v. 3. Torino: Einaudi editore, 1975.

HARVEY, David. **Breve storia del neoliberalismo**. Milano: Il Saggiatore, 2007.

MÈSZÁROS, Istvan. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo editorial, 2005.

VICO, Gianbattista. *Scienza Nuova (1744)* In: **I classici del pensiero italiano**. Roma: Biblioteca Treccani, 2006.

NOTAS

1 É Professor Titular em Ciências Políticas na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP (campus de Marília), na qual pesquisa e orienta principalmente nas áreas de Teoria Política do Socialismo e Política Operária, contando com Bolsa de Pesquisa 1 C do CNPq. Conta ainda com diversas publicações em forma de livros, capítulos de livro, artigos e outras, no Brasil e no exterior. É também editor da revista *Novos Rumos*, presidente do Instituto Astrojildo Pereira e foi presidente da *International Gramsci Society Brasil* (2017-2019). Atualmente é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP-FFC (2017-2021). E-mail: delroio@terra.com.br

Recebido em 20 de maio de 2020

Aceito em 17 de junho de 2020

Editado em julho de 2020